

LETRAS  
INSUBMISSAS

---

ENSAIOS SOBRE  
LITERATURA E  
TRANSGRESSÃO

---

## Série Estudos da Linguagem

*Editoria executiva:*

Luciane de Paula (UNESP, Assis)

*Conselho editorial:*

Adail Ubirajara Sobral (UCePel)

Arnaldo Cortina (UNESP, Araraquara)

Grenissa Bonvino Stafuzza (UFG, Catalão)

Ida Lúcia Machado (UFMG)

Jean Cristtus Portela (UNESP, Bauru)

João Bosco Cabral dos Santos (UFU)

Marco Antonio Villarta-Neder (UFLA)

Maria Angélica de Oliveira Penna (IEL, UNICAMP)

Maria de Fátima F. Guilherme de Castro (UFU)

Renata Maria F. Coelho Marchezan (UNESP, Araraquara)

*Comitê científico deste volume:*

Adail Sobral (UCEPel)

Ana Flora Brunelli (UNESP – IBILCE – São José do Rio Preto)

Antônio Fernandes Junior (UFG Catalão)

Bénédictte Vauthier (Universidade de Berna, Suíça)

Fabiana Cristina Komesu (UNESP – IBILCE – São José do Rio Preto)

Federico Pellizzi (Universidade de Bolonha, Itália)

Galin Tihanov (Queen Mary, Universidade de Londres)

Ida Lúcia Machado (UFMG)

João Bôscio Cabral dos Santos (UFU)

João Marcos Matheus Kogawa (UNIFESP)

João Vianney Cavalcanti Nuto (UNB)

Luciane de Paula (UNESP)

Luciano Novaes Vidon (UFES)

Marco Antonio Villarta-Neder (UFLa)

Marina Célia Mendonça (UNESP Araraquara)

Nilton Milanez (UESB)

Pampa Olga Arán (UNC - Universidad Nacional de Córdoba)

Renata M. F. Coelho Marchezan (UNESP – Araraquara)

Rosineide de Melo (Fundação Santo André)

Susan Petrilli (Universidade de Bari, Itália)

Tatiana Bubnova (Universidade Autônoma do México – UAM)

Valdemir Miotello (UFSCar)

LUCIANA BORGES  
SILVANA AUGUSTA BARBOSA CARRIJO  
(ORGANIZADORAS)

LETRAS  
INSUBMISSAS

---

ENSAIOS SOBRE  
LITERATURA E  
TRANSGRESSÃO

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Letras insubmissas : ensaios sobre literatura e transgressão  
/ Luciana Borges, Silvana Augusta Barbosa Carrijo,  
(organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras,  
2020. – (*Série Estudos da Linguagem*)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-505-9

1. Ensaio 2. Identidade de gênero 3. Literatura  
4. Memória I. Borges, Luciana. II. Carrijo, Silvana Augusta  
Barbosa. III. Série.

20-48729

CDD-400

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ensaio : Literatura e linguagem 400

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide

*preparação dos originais:* Mercado de Letras

*revisão final dos autores*

*bibliotecária:* Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

**apoio institucional**

FAPEG e CAPES

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 0**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## SUMÁRIO

Apresentação

TRANSFORMAR, RENOVAR: A LITERATURA  
COMO POTÊNCIA TRANSGRESSORA. . . . . 7  
*Luciana Borges e Silvana Augusta Barbosa Carrijo*

Primeira Parte

### **CORPOS E DISCURSOS QUE TRANSGRIDEM: IDENTIDADES, GÊNERO E SEUS ENTORNOS**

A CLIVAGEM CENTRO – MARGENS E A  
TRANSGRESSÃO DO *STATUS QUO* NAS  
NARRATIVAS DE AUTORAS NATIVO-AMERICANAS . . . . 19  
*Ana Maria Marques da Costa Pereira Lopes e  
Záida Pinto Ferreira*

UMA AUTOBIOGRAFIA A QUATRO MÃOS A ESCRITA  
DE SI E DOS MUITOS OUTROS: DAVI KOPENAWA. . . . 45  
*Claudia Renata Duarte e Tânia Regina de Oliveira Ramos*

DUAS MULHERES E UM HOMEM: NADA A DIZER . . . . 79  
*Suely Leite*

BEAUVOIR NA ALCOVA SÁDICA . . . . . 99  
*Luísa Cristina dos Santos Fontes*

CORPOS (TRA)VESTIDOS: EROTISMO, TRANSGRESSÕES  
DO GÊNERO E AS MARGENS INSTÁVEIS DO DESEJO  
NA FICÇÃO ERÓTICA DE AUTORIA FEMININA . . . . . 115  
*Luciana Borges*

DESEJAR, DESERTAR, TRANSGREDIR . . . . . 139  
*Fábio Figueiredo Camargo*

Segunda Parte

**É DE PEQUENINO QUE SE TRANSGRIDE O PEPINO**

O AMEDRONDADOR AMEDRONTADO –  
A INADEQUAÇÃO DO SUJEITO NA NARRATIVA  
FANTÁSTICA CONTEMPORÂNEA: REFLEXÕES SOBRE  
TRANSGRESSÃO E DENÚNCIA SOCIAL NO CONTO  
“O FANTASMA”, DE LUIZ VILELA . . . . . 161  
*Eliane A. Galvão Ribeiro Ferreira, Ricardo M. Bulhões e  
Silvana Augusta Barbosa Carrijo*

ESPERANÇA GARCIA: A ESCRITA DA MULHER  
NEGRA EM TEMPOS INGLÓRIOS . . . . . 181  
*Eliane Debus e José Carlos Debus*

UM TEMPO QUE DANÇA:  
A VELHICE RESSIGNIFICADA . . . . . 195  
*Flávia Brocchetto Ramos, Marli Cristina T. Marangoni e  
Verônica Bohm*

MARINA COLASANTI: NOVA TECELÃ  
DE ANTIGAS TEIAS . . . . . 221  
*José Nicolau Gregorin Filho*

MONTEIRO LOBATO: A RELEVÂNCIA DA TRANSGRESSÃO  
LINGUÍSTICA NA CONSTRUÇÃO FICCIONAL . . . . . 237  
*Maria Teresa G. Pereira e Tania Maria N. de Lima Camara*

SOBRE OS AUTORES . . . . . 249

Apresentação  
TRANSFORMAR, RENOVAR: A LITERATURA  
COMO POTÊNCIA TRANSGRESSORA

*O mundo só poderá ser salvo, caso o possa ser, pelos insubmissos.*  
André Gide, 1917.

*“Teimar quer dizer afirmar o Irredutível da literatura; o que, nela, resiste e sobrevive aos discursos tipificados que a cercam: as filosofias, as ciências, as psicologias; agir como se ela fosse incomparável e imortal. Um escritor – entendo por escritor não o mantenedor de uma função ou o servidor de uma arte, mas o sujeito de uma prática – deve ter a teimosia do espia que se encontra na encruzilhada de todos os outros discursos, em posição trivial com relação à pureza das doutrinas...”*

Roland Barthes, 1978

Insubmissões diversas, seja na composição formal ou nas proposições temáticas podem ser consideradas uma das marcas mais relevantes da literatura. Como produto da criação humana, diretamente conectada com os dilemas e questionamentos que compõem esse mundo que lhe dá origem, a literatura apresenta a transgressão de normas, conceitos e proposições como *motivos recorrentes* de sua constituição. Tais transgressões podem ocorrer tanto do ponto de vista da construção de personagens que não se conformam ao

instituído, como por obras que reinventam os modos de existência do literário em sua estruturação, ou se dedicam a temas considerados espinhosos, intratáveis ou interditos. A capacidade de se reinventar e reinscrever o simbólico e o factual no corpo da escrita, equilibrando-se entre questões estéticas e políticas compõe o cerne dessa arte, de cuja existência na contemporaneidade exige-se cada vez mais uma escuta e uma conversação com as questões prementes que afetam os sujeitos nos dias atuais.

Georges Bataille, em seu ensaio *A literatura e o mal* (1957[1989, p. 22]), observa o caráter incômodo e inquietante da literatura, afirmando que “somente a literatura poderia desnudar o jogo da transgressão da lei – sem o que a lei não teria fim – independentemente de uma ordem a criar”. Nesse sentido, pode-se pensar que a literatura estaria sempre ao lado do inacabamento, da transgressão e da proposição de novas perspectivas para a criação, para a arte e para a existência, enfim.

Aceitando a proposição de Susan Sontag (1987, p. 15) segundo a qual “a história da arte é uma sucessão de transgressões bem-sucedidas”, a presente reunião de artigos apresenta como *motto* principal a abordagem de obras que a seu modo representam transgressões da ordem social ou reconfigurações do campo literário. Nesse sentido, analisa-se a relação da literatura com as diversas formas de transgressão, seja em relação à linguagem, à forma, à identidade ou ao gênero e aos comportamentos socialmente impostos, bem como a representação de transgressões formais ou temáticas na produção literária. Do mesmo modo, algumas propostas exploram a construção de personagens transgressoras, indicando as rupturas necessárias à constante renovação da produção literária no Brasil e no exterior.

O presente livro se vincula à linha de pesquisa Literatura, Memória e Identidade, do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Federal de Goiás –

Regional Catalão, destinando-se a estudiosos e pesquisadores das Ciências Humanas, estudantes de pós-graduação da área de Letras, Linguística, Artes e áreas afins, bem como a qualquer leitor que se interesse pelos temas e discussões nele propostos.

Os textos se encontram divididos em duas partes: a primeira, intitulada *Corpos e discursos que transgridem: identidades, gênero e seus entornos* apresenta ênfase em textos nos quais aspectos do discurso literário se avizinham das transgressões narrativas, formais, temáticas ou discursivas. Seja por meio da voz enunciativa que se projeta das margens, rasurando o discurso hegemônico, como no caso das questões indígenas, seja por meio da desconstrução das relações e das identidades de gênero que se inscrevem tensionando os modos de representação das investidas da feminilidade ou da masculinidade na vida social, os textos dessa primeira parte convidam ao deslocamento e ao reposicionamento analítico por parte de leitores e leitoras. Ao lado desses textos, há outros em que o foco recai mais precisamente sobre a sexualidade e o desejo, em relação com os processos de construção de identidades multifacetadas, de modo que vozes, corpos, desejos, *performances* de gênero e papéis sociais compõem a malha do discurso ficcional ou poético apresentando a literatura como potencial *locus* de reavaliação ou reconfiguração da ordem estabelecida e em cuja desconformidade reside sua maior relevância.

Assim, o texto de Ana Maria Marques da Costa Pereira Lopes e Zaida Pinto Ferreira, intitulado *A clivagem centro-margens e a transgressão do status quo nas narrativas de autoras nativo-americanas*, abre essa primeira parte propondo uma discussão sobre a escrita literária de indígenas americanas como “uma forma de ativismo feminista, uma vez que as narrativas, no seu conjunto, demonstram que as tradições estão a ser renovadas, revitalizadas, ou, até mesmo, (re) examinadas”, de modo que modelos familiares do passado possam ser revistos. Por outro lado, a escrita dessas mulheres constitui um modo

de reconstruir de maneira mais verdadeira a História de suas comunidades, resgatando a memória de sua coletividade e desfazendo equívocos e manipulações históricas efetuadas pela sociedade branca hegemônica. Para as autoras, as histórias contadas possibilitam quatro movimentos primordiais: resistir, reivindicar, construir e agir de acordo com uma autoimagem positiva, primordial para o resgate de sua ancestralidade e o estabelecimento de suas identidades.

Em consonância com o primeiro texto, na esteira das reflexões sobre modos não ocidentais de construção discursiva, Claudia Renata Duarte e Tânia Regina de Oliveira Ramos apresentam em *Uma autobiografia a quatro mãos, escrita de si e dos muitos outros: Davi Kopenawa*, o processo “da escrita do xamã yanomami Davi Kopenawa em parceria com Bruce Albert”. Ao ler a autobiografia escrita pelo xamã, as pesquisadoras se veem diante do difícil desafio proposto pelo pensamento descolonial, cuja compreensão exige empreender um processo de “desaprendimento e reaprendimento”, para tentar compreender os desdobramentos dessa poética de si e dos muitos outros construída a quatro mãos”. Narrativa-testemunho, autobiografia, manifesto ecológico, defesa identitária, o texto de Kopenawa e Albert desafia a lógica hierárquica das estruturas mentais que sustentam o discurso colonial, transgredindo suas regras e instaurando a voz individual-coletiva dos povos da floresta.

*Dois mulheres e um homem: Nada a dizer*, texto de Suely Leite, parte para a abordagem das relações de gênero e analisa o romance *Nada a dizer*, de Elvira Vigna. Lançado em 2010 pela Companhia das Letras, o livro foi vencedor do prêmio de melhor livro de ficção da Academia Brasileira de Letras e finalista no prêmio Portugal Telecom. O romance traz em seu bojo uma mistura de gêneros literários: apresenta-se aparentemente como um diário, mas tem características de um relato, não deixando de ser uma prosa confessional. A narradora protagonista coloca em cena todo o seu arsenal memorialístico para tentar

entender como chegou ao momento presente: uma mulher de sessenta anos, casada, mãe, avó e que se vê em uma situação, no mínimo, desconfortável, a de enfrentar junto a si mesma a traição do marido com uma ex-colega de trabalho. Toda a narrativa se constitui em uma linearidade: o caso de Paulo com N, a descoberta da narradora, a convivência entre ela e o marido depois da confissão do adultério e a busca pela identidade que a narradora julga ter perdido, ou talvez, uma identidade tão fluida que nem ela mesma consiga reconhecer. A partir desses componentes do romance, a análise minuciosa se concentra nos modos como os perfis femininos das duas mulheres rivais são representados nessa narrativa tão singular, seja pelo estilo híbrido, pela linguagem transgressora ou pelo tema da busca identitária de uma mulher de meia idade.

No instigante texto *Beauvoir na alcova sádica*, Luísa Cristina dos Santos Fontes busca identificar na obra *A filosofia na alcova*, do Marquês de Sade, celebrado escritor francês conhecido por sua temática (erotismo, pornografia e/ou sexualidade), disposições que poderíamos interpretar como feministas. *A filosofia na alcova* é uma obra em que o autor instrui jovens para se libertarem das regras impostas pela sociedade. No final do século XVIII, considerava-se as mulheres como uma mercadoria que assegurava um dote ou uma herança, a obrigação ao matrimônio era uma constante, bem como a intolerância absoluta ante qualquer flerte ou travessura erótica das adolescentes, os quais representavam desonra e perda econômica para as famílias. O casamento à força é a afirmação da mulher como um objeto disponível ao melhor postulante. Sade expõe suas ideias por meio de Dolmancé e Madame de Saint-Ange, e em seu discurso há elementos que se vinculam a algumas posturas críticas do feminismo: a moral cristã e a repressão da mulher na história; a educação moral que vangloria o casamento e castra a sexualidade feminina; a mulher como propriedade do homem no matrimônio; o domínio da reprodução; o reconhecimento da mulher como um elemento

importante na sociedade. Na revisão da obra desse autor sempre polêmico, indica-se que, para além da fama de degenerado, o texto de Sade se constitui como convite à transgressão das investidas normativas do gênero.

O texto de Luciana Borges, intitulado *Corpos (tra)vestidos: erotismo, transgressões do gênero e as margens instáveis do desejo na ficção erótica de autoria feminina*, propõe uma leitura da literatura a partir de pressupostos de sua constituição, quais sejam, a tendência a construir lugares indiretos de sentido, a transgressão de normas e padrões e a periculosidade de obras que se dispõem a afrontar o instituído por meio de seus projetos literários, seja em termos temáticos ou em termos estéticos. Assim, a discussão se ancora nos entornos dos modos como ocorrem desconstruções de gênero e corpos normativos na ficção erótica brasileira de autoria feminina, tendo em vista as “preciosidades” intrínsecas à natureza indireta e imprecisa da literatura, bem como ao “perigo” que as possibilidades engendradas pela inorganicidade da ficção podem causar à ordem e à legitimidade no campo do desejo sexual e das identidades de gênero. A leitura dos contos *Praça Mauá*, de Clarice Lispector e *Dois em um*, de Tércia Montenegro funcionam como gatilho para a discussão apresentada, pois colocam em cena personagens masculinos travestis ou travestidos que performam gênero e desejo para além dos binarismos preestabelecidos e resultam, por extensão, na reconfiguração do feminino composto e decomposto na narrativa. Esse feminino reconfigurado não está isento das tensões da normatividade, ao contrário, ao remoer os lugares sociais da sexualidade feminina, inserem essa mesma sexualidade em um torvelinho, espiral sem fim dos questionamentos das identidades de gênero que nos permeiam e estabelecem a lógica do desejo colonizado. A partir das noções de gênero (ancoradas em Judith Butler e outras teóricas feministas) e de corpo sem órgãos (termo-conceito a partir de Antonin Artaud) pensa-se um corpo cujos desejos podem extrapolar as esferas das permissividades normativas do desejo em ambiente patriarcal.

Fechando essa primeira parte, o texto *Desejar, Desertar, Transgredir*, de Fábio Figueiredo Camargo, analisa narrativas de temática homoerótica como *Les jours et les nuits*, de Alfred Jarry, *A velha Rosa*, de Reinaldo Arenas, “Sargento Garcia”, de Caio Fernando Abreu, e “em cima do morro dos prazeres eu me monto herculina barbitúrico”; de Fabiane Borges e Hilan Bensusan, tomando como eixo central as metáforas da desertção e do delírio contidos nesses textos para demonstrar que essas narrativas introjetam um modo gay, *queer*, ex-cêntrico de representarem, assumindo o desejo homoerótico como vetor de produção textual.

A segunda parte do livro, intitulada *É de pequenino que se transgride o pepino*, oferece um cabedal de produções acadêmicas voltadas ao exame de autores e textos literários subsumidos pelos subsistemas literários infantil e juvenil, em que se verificam transgressões várias relacionadas a temas, formas e concepções de mundo. Dedicando-se ao exame de textos de autoras e autores cuja produção se volta potencialmente a um público infantil e juvenil sem, no entanto, restringir-se a ele, tais textos convidam o leitor mirim, o jovem leitor e o leitor adulto que se debruçam sobre os textos literários a um olhar menos estereotipado e que transgride cosmovisões tradicionais com que por muito tempo se encarou a ordem das coisas e a própria literatura, convidando a um (re)exame mais aberto e mais plural dos temas e das formas que constituem o literário que expressa o humano e o próprio humano em sua errância de seguir sendo/estando.

Nessa perspectiva, abre esta segunda sessão do livro o texto *O amedrontador amedrontado – A inadequação do sujeito na narrativa fantástica contemporânea: reflexões sobre transgressão e denúncia social no conto “O Fantasma”, de Luiz Vilela*, assinado por Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira, Ricardo Magalhães Bulhões e Silvana Augusta Barbosa Carrijo. Debruçando-se sobre o supramencionado conto do escritor mineiro, que compõe o livro *Três Histórias Fantásticas* (2016), obra que adentrou

o âmbito escolar em 2011, ao compor os acervos do PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola, destinados aos jovens do Ensino Médio (Portal MEC, 2018) e obteve o selo “Altamente Recomendável” da FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, compondo o catálogo apresentado na Feira de Bolonha de 2010 (FNLIJ, 2018), os autores analisam as várias modalidades transgressoras perceptíveis na narrativa. Primeiramente, observam como a existência de um fantasma que não amedronta, mas que, ao contrário, é amedrontado pelos relatos do narrador, transgride a expectativa que o próprio título do conto gera, causando não medo ou perturbação, mas sim, riso e piedade. Os autores observam também como o gênero fantástico na narrativa em questão opera por procedimentos transgressores, ao assumir dimensão paródica, já que nela o gênero não decorre, como acontece na narrativa tradicional, da problematização dos limites entre o real e o irreal, mas sim do apagamento da distância entre real e impossível, instaurando um diálogo reflexivo entre narrador e fantasma, a fim de revelar a subversão da ordem e mostrar, em especial ao jovem leitor, em fase embrionária de formulação de suas concepções de mundo, que o real pode ser mais absurdo e aterrador que o que se julga irreal ou impossível. Os autores examinam como o conto, pelas temáticas universais de individuação, inadequação social, livre arbítrio, cisão entre sujeito e mundo e transgressão do horizonte de expectativas do leitor, revela sua atualidade e vitalidade, sendo, pois, atraente para o leitor que dele se ocupa.

*Esperança Garcia: a escrita da mulher negra em tempos inglórios*, texto de Eliane Debus e José Carlos Debus, apresenta a análise do livro para a infância, *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta* (Pallas 2012), escrito por Sônia Rosa e ilustrado por Luciana J. Hees. Os pesquisadores buscam evidenciar na voz-escrita dessa mulher, representante de outras vozes de mulheres negras escravizadas, como a palavra escrita possibilitou a denúncia de maus tratos aos quais os negros e, em particular, as

mulheres negras eram submetidas. Para além dos dados factuais presentes na narrativa (em particular o excerto da carta), o recurso de ficcionalidade faz o leitor se aproximar um pouco da vida daquelas mulheres que, nos idos do século XVIII, ousaram (re)clamar por seus direitos.

Já Flávia Brocchetto Ramos, Marli Cristina Tasca Marangoni e Verônica Bohm em *Um tempo que dança: a velhice resignificada*, terceiro capítulo que compõe a segunda parte do presente livro, observam como a velhice e a passagem do tempo são temas recorrentes na literatura e podem ser abordados também para crianças. O texto analisa o poema “As duas velhinhas”, de Cecília Meireles (1990), a partir das camadas que compõem o texto poético. Após a análise estrutural da poesia, o estudo estabelece relações com outros textos, a partir da temática, assinalando o diálogo entre diferentes manifestações de produção poética. A seleção temática apresenta-se como uma possibilidade transgressora de abordar a questão junto a leitores mirins, já que, por meio da perspectiva infantil, pode-se encontrar nos textos um olhar distinto para o envelhecimento, ainda que não tenham sido produzidos para a criança.

Em *Marina Colasanti: nova tecelã de antigas teias*, José Nicolau Gregorin Filho, examinando textos literários produzidos por uma das mais hábeis tecelãs literárias de todos os tempos, Marina Colasanti, discute sobre transgressões relacionadas tanto à temática quanto à forma de produção de textos literários inspirados em contos de fada tradicionais e, por consequência, em mitos. O autor observa que, por meio de alguns de seus contos, Marina Colasanti constrói um narrador que subverte tempo, espaço e personagens com o objetivo de buscar diálogos com seus leitores, diálogos esses que extrapolam a interlocução autor-leitor e passam a ser leitor-leitor, já que as simbologias podem ser tomadas de maneira diversa, por diferentes leitores no processo de recepção da obra, num diálogo com o seu “eu” e principalmente se mostram mais transgressoras ainda quando

se pensa no público jovem, já que o livro figura em listas de leitura de várias escolas do país.

Concluindo a última parte do livro, convocando a figura do grande ícone da literatura infantil brasileira, Maria Teresa Gonçalves Pereira e Tania Marina Nunes de Lima Camara em *Monteiro Lobato: a relevância da transgressão linguística na construção ficcional*, lembram que, no Brasil, quando se pensa na produção literária voltada para crianças, valorizando o universo cultural em que estas vivem, o nome de Monteiro Lobato ganha lugar de destaque. O cuidado de apresentar-se como um contador de histórias que coloca a realidade brasileira em foco, realidade essa relacionada a ambientes, personagens e linguagem, pode ser considerado um dos fatores de maior relevância para a consideração do autor como linha divisória entre o que as crianças liam antes do contato com os textos lobatianos e o que passaram a ler a partir da publicação de sua primeira obra. Nessa perspectiva, o capítulo das autoras destaca a relevância da transgressão linguística praticada por Lobato nas aventuras vividas pelos personagens do sítio do Picapau Amarelo, na obra *Emília no País da Gramática*. As criações neológicas presentes no texto selecionado são funcionalmente trabalhadas como orientadoras do leitor no caminho da produção de sentido, bem como fios essenciais na construção da malha narrativa, na qual se mesclam fantasia e realidade.

Desta feita, os capítulos que compõem essa segunda parte do livro são extratos reveladores da alta qualidade dos subsistemas literários infantil e juvenil no que tange à faculdade dos textos que compõem esse legado lítero-cultural de convidarem o leitor mirim, o jovem leitor e até mesmo o leitor adulto a vislumbrarem com lupas transgressoras o mundo que se descortina a seus olhos. Se a literatura infantil e juvenil forma leitores, tanto melhor que o faça operando por veredas transgressoras, insubmissas, para que leve a uma compreensão do humano mais cabal e humanamente mais comprometida!